



A Festa de Troca de Sementes Crioulas na comunidade tradicional São Manoel do Pari-MT: trabalho coletivo, saberes tradicionais e alimentos

The Creole Seed Exchange Party in the traditional community of São Manoel do Pari-MT: collective work, traditional knowledge and food

Edson Caetano¹; Cristiano Apolucena Cabral²; Luana da Cruz Burema³

¹ Universidade Federal de Mato Grosso; Instituto de Educação; Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação; Programa de Pós-Graduação em educação; Campus Cuiabá. Av. Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança, Cuiabá - MT, 78060-900. caetanoedson@hotmail.com;

² Universidade Federal de Mato Grosso; Instituto de Educação; Programa de Pós-Graduação em educação; Campus Cuiabá. Av. Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança, Cuiabá - MT, 78060-900. crisprelazia@yahoo.com.br;

³ Universidade Federal de Mato Grosso; Instituto de Educação; Programa de Pós-Graduação em educação; Campus Cuiabá. Av. Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança, Cuiabá - MT, 78060-900. luanaburema@gmail.com.

Resumo

Este texto ocupa-se da reflexão acerca das relações existentes entre a produção associada e agroecológica e a cultura do trabalho que dão fundamento histórico para a instituição da Festa de Troca de Sementes Crioulas, nas comunidades tradicionais da baixada cuiabana. Os dados empíricos resultam de pesquisas realizadas a partir do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação. A análise foi feita a partir do materialismo histórico dialético, o que permitiu compreender as múltiplas determinações que conformam a festa de troca de sementes crioulas, bem como, seus possíveis significados e implicações.

Palavras-chave: Produção Associada, Agroecologia, Solidariedade, Segurança Alimentar, Saberes Populares e Tradicionais.

Abstract

This text deals with the reflection about the existing relations between the associated and agroecological production and the work culture that give historical foundation for the institution of the Festival of Exchange of Creole Seeds, in the traditional communities of the lowlands of Cuiabá. The empirical data are the result of research carried out from the Study and Research Group on Labor and Education. The analysis was made based on historical dialectical materialism, which made it possible to understand the multiple determinations that make up the celebration of the exchange of Creole seeds, as well as their possible meanings and implications.

keyword: *Associated Production, Agroecology, Solidarity, Food Security, Popular and Traditional*



Introdução

O presente texto se ocupa da reflexão sobre os possíveis significados da Festa de Troca de Sementes Crioulas junto à comunidade tradicional São Manoel do Pari - localizada no município de Nossa Senhora do Livramento no Estado de Mato Grosso -, a partir do materialismo histórico dialético, bem como, da centralidade do trabalho enquanto elemento fundante do ser social.

A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, com alguns princípios e elementos da pesquisa participante, tais como: a observação participante - durante o processo de construção e de desenvolvimento da Festa de Troca de Sementes Crioulas -, os diálogos, entrevistas semi-estruturadas, rodas de conversa, registros fotográficos, gravação de vídeos e caderno de campo.

Analisamos como se efetiva a produção da existência, tendo como fundamento determinante a produção associada, autogestionada e agroecológica, produções estas que valorizam experiências de solidariedade, cooperação, reciprocidade, cuidado, fraternidade e, por fim, o uso de sementes e plantas crioulas, todas presentes na Festa de Troca de Sementes Crioulas.

A cultura do trabalho forjada a partir da produção da existência é permeada de sentidos, significados e representações de mundo. Assim, desta cultura do trabalho emergem: harmonia com a natureza, proposta alternativa de produção da existência, soberania alimentar, tentativa de superar a lógica do capital, fortalecimento de saberes populares e tradicionais, construção de relações sociais igualitárias, autogestão na produção e proteção do território e da biodiversidade.

São determinações como estas que criaram condições históricas para a instituição das Festas de Troca de Sementes Crioulas nesta comunidade tradicional. A preservação da semente crioula é a intencionalidade impulsionadora que unifica as diversas comunidades, as famílias, os interesses, as perspectivas, os valores, as atitudes e a representação de mundo.

A territorialização do capital: a mercantilização e alienação das sementes.

Com a territorialização do capital no campo, a produção de alimentos possui uma única intencionalidade: tornar sua mercadoria fonte de lucro. Esta produção, em Mato Grosso, se resume a pouquíssimas mercadorias¹: gado, soja, milho, algodão e cana-de-açúcar, as quais ocupam mais de 90% da terra agricultável (CABRAL, 2015). Esta é a força da mercantilização de alimentos na intencionalidade do lucro e seu consequente controle dos preços: “no mercado

¹O total de hectares plantados em Mato Grosso em 2017/2018 demonstra a opção em se plantar o que dá mais lucro, afetando a diversidade e a segurança alimentar, exemplos são: arroz, com 149,3 mil hectares; o feijão com 284,0 mil; a cana-de-açúcar com 269,7 mil; o algodão com 777,8 mil, o milho com 4.494,4 milhões e a soja com 9.518,6 milhões de hectares cultivados.



mundial, os oligopólios jogam todo o seu peso para impor os preços dos alimentos - em seu próprio benefício, claro: o preço mais elevado possível” (ZIEGLER, 2013, p. 157).

Para controlar os alimentos é necessário, *a priori* controlar as terras. No estado de Mato Grosso, este controle está efetivado na concentração de terras agricultáveis. Segundo os dados do censo Agropecuário de 2017, em Mato Grosso existem 118.676 estabelecimentos em uma área de 54.830.819 hectares. Ao se comparar os dados de 1975² e 2017, houve um aumento de 111,83% no número de estabelecimentos e um aumento de 149,8% da área utilizada, contudo, estes números absolutos não denunciam a concentração de terras em controle de poucos latifundiários. Em 2017, os pequenos proprietários que possuíam terras em até 100 hectares eram 81.499 estabelecimentos, ou seja, 68,67% do total de estabelecimentos, distribuídos em uma área de 2.751.366 hectares, 5,0% do total da área. Enquanto os que possuem mais de 1.000 hectares são apenas 868 estabelecimentos, 0,73% do total, em uma área de 19.606.336 hectares, 35,72% do total. Assim se controla a produção de alimentos.

Foi com o comando da industrialização sobre a produção, não somente sobre sementes, adubos, etc., mas sobre defensivos agrícolas, que o agrotóxico se tornou força mercadológica deste sistema direcionado pelo agronegócio. São diversos os seus produtos: inseticidas, pesticidas, herbicidas, fungicidas, formicidas etc.

Segundo Pignati junto a outros pesquisadores (2017), dos dez maiores municípios consumidores de agrotóxico no país, sete estão em Mato Grosso, demonstrando desta forma a importância deste produto à produção agrícola do agronegócio estadual.

TABELA 1. Quantidade de utilização de agrotóxicos por município em Mato Grosso, 2015.

Municípios que mais utilizam agrotóxico	Quantidade utilizada de agrotóxico (em milhões de litros)	Média de litros de agrotóxico ingerido por pessoa
Sorriso	14,6	166
Sapezal	11,1	443
Campo Novo do Parecis	9,1	263
Nova Mutum	9,0	211
Nova Ubiratã	8,0	712
Diamantino	7,6	346
Campo verde	6,7	156

Fonte: PIGNATI et al, 2017. Organização dos autores.

² Os estabelecimentos existentes em 1975, no Mato Grosso era 56.118 e a área era 21.949.146 hectares, segundo o Censo Agropecuário de 2017.



O agrotóxico reduz drasticamente a diversidade da fauna e flora, empobrece o solo e limita a variedade de alimentos.

[...] as paisagens agrícolas do mundo são destinadas ao plantio de apenas 12 espécies, 23 espécies de hortaliças e 35 espécies de frutas e nozes. Isso significa que não mais de 70 espécies ocupam aproximadamente 1,44 bilhão de hectares de terras hoje cultivadas no mundo (ALTIERI, 2012, p. 24).

Alimentos não são somente mercadorias, são instrumentos de poder político, por isso é necessário o seu controle. Controla-se estados, povos, trabalhadores e consumidores. Controlar alimentos é controlar a vida, isto é, controlar quem deve viver, quem deve morrer e quem deve labutar, alienando a sua força de trabalho, para sobreviver.

A produção da existência e a produção pela vida em comunidades tradicionais da baixada cuiabana: produção associada, autogestão e saberes tradicionais na produção agroecológica

Em Mato Grosso, as comunidades tradicionais camponesas estão localizadas, quase que totalmente, na baixada cuiabana. Estas são organizadas por famílias, para a produção material e imaterial da vida, em territórios possuidores de significados.

Um elemento importante na relação entre populações tradicionais e a natureza é a noção de território que pode ser definido como uma porção da natureza e espaço sobre o qual uma sociedade determinada reivindica e garante a todos, ou a uma parte de seus membros, direitos estáveis de acesso, controle ou uso sobre a totalidade ou parte dos recursos naturais aí existentes que ela deseja ou é de utilizar. (DIEGUES, 1996, p. 83).

O território, na comunidade tradicional pesquisada São Manoel do Pari, não é somente um espaço de acesso aos recursos naturais, mas, simultaneamente, de acesso ao trabalho, à moradia, ao lazer e à celebração. O espaço vivido é transformado para o aconchego das famílias, em que há gerações moram no mesmo território, em construção de uma cultura tradicional.

Diegues (1996) coloca em evidência, ao definir as culturas tradicionais, a relevância dos manejos dos recursos naturais, do respeito aos ciclos naturais, o respeito à limitação à exploração humana sobre os animais e plantas, e, por fim, a complexidade de saberes herdados para a manutenção do ecossistema.

Diegues (1996, p. 85) afirma ser “importante analisar o sistema de representações, símbolos e mitos que estas populações tradicionais constroem, pois é com base nele que agem sobre o meio”. São as celebrações religiosas abençoando a família, o trabalho, a natureza; as canções de cururu e as danças de siriri (com suas roupas de cores fortes); é a redução em duas estações climáticas (de seca e de chuva); é a esperança da chegada da 'chuva do caju'; etc. que dão sentido à vida nestas comunidades tradicionais da baixada cuiabana. Nesse sentido, Diegues (1996, p. 87) define culturas tradicionais como “padrões de comportamento transmitidos socialmente, Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do 1º Congresso Online Internacional de Sementes Crioulas e Agrobiodiversidade - Dourados, Mato Grosso do Sul- v. 15, nº. 4, 2020.



modelos mentais usados para perceber, relatar e interpretar o mundo, símbolos, significados socialmente compartilhados”.

Nesta dinamização, para a supressão das duas determinações, é que algumas destas comunidades organizaram a sua produção de maneira associada.

A produção associada, como produto das condições históricas, é uma estratégia criada para organizar o trabalho e a vida que pode levar à emancipação do capital, a um novo projeto societário e à liberdade como sujeitos históricos. (...) A produção associada diz respeito à unidade básica do modo de produção dos produtores livremente associados. O trabalho associado é organizado de forma autogestionária, sem valorizar o lucro e a exploração da força de trabalho alheia, apoderando-se dos meios de produção e pautando-se na solidariedade, que extrapola o âmbito material. Os trabalhadores associados têm a possibilidade de integrar prazer e trabalho, já que a prioridade é garantir a reprodução ampliada da vida e não o sobre trabalho (CAETANO, NEVES, 2014, p. 08).

Hortas comunitárias, produção coletiva de plantas medicinais, produção coletiva de derivados da mandioca, do leite, da cana-de-açúcar, da banana são algumas das produções associadas vivenciadas por partes destas comunidades tradicionais. Os instrumentos, terra, saberes e forças de trabalhos, também são usados coletivamente.

Ao produzir associadamente trabalhadores e trabalhadoras transformam a produção da existência e de saberes em cultura, em trocas “de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações, de poder” (BRANDÃO, 2007, p. 08), preservando valores, ideias, saberes, pensamentos, crenças, sentimentos etc. (BRANDÃO, 1985).

Tal realidade é chamada de cultura do trabalho, a qual Palenzuela (1995, p. 13) define como um

Conjunto de conocimientos teórico-prácticos, comportamientos, percepciones, actitudes y valores que los individuos adquieren y construyen a partir de su inserción en los procesos de trabajo y/o de la interiorización de la ideología sobre el trabajo, todo lo cual modula su interacción social más allá de su práctica laboral concreta y orienta su específica cosmovisión como miembros de un colectivo determinado. (Itálico do autor).

Na dinamicidade desta cultura do trabalho - a visão de mundo, as atitudes, os comportamentos, o processo de trabalho, a produção associada - a vida possui sentido, a qual é vivenciada não somente no processo de trabalho, mas no tempo livre. Na produção associada e autogestionada, por ser controlada pelos próprios trabalhadores e trabalhadoras, o tempo de trabalho e o tempo disponível estão intrinsecamente determinados pelas necessidades materiais e imateriais, pelas condições do solo, da chuva, da especificidade do plantio, das festas, celebrações, lazeres, aprendizagens e militância. A existência delinea estes tempos, e por sua vez, estes tempos demarcam as suas existências.

No tocante à natureza, prevalece o cuidado, o respeito, a reciprocidade, enquanto condições determinantes tanto para a vida das famílias quando para a vida da fauna e flora. Mesmo não



observando a presença de todos os elementos constitutivos da agroecologia³, percebemos o comprometimento da comunidade no sentido da transição agroecológica⁴.

Os trabalhadores e trabalhadoras desta comunidade tradicional utilizam as sementes e mudas crioulas no cultivo, tais como: o milho, a muda de banana, a rama de mandioca, a cana, o feijão e o arroz. Sementes e mudas estas que significam, segundo Maicá (2012, p.701) “o material cultivado localmente, geração após geração, o que determina a sua adaptação à comunidade onde está sendo cultivada, pelos camponeses que ali habitam”.

Ao utilizar as sementes crioulas o processo de dependência que envolve as sementes industrializadas – conhecimentos instrumentalizados pela industrialização com a intenção de lucro, bem como a utilização necessária do agrotóxico nas sementes – é superado. A produção associada e autogestionada, os saberes tradicionais, a experiência com a terra e a posse coletiva de sementes e mudas crioulas, implica soberania⁵ na produção de alimentos.

Troca de sementes, plantas, saberes e sabores: 'um povo sem sementes é um povo sem história'

O processo de construção de si enquanto comunidade tradicional implica forjar saberes, fazeres, território, valores, comportamentos e atitudes, ou como assevera Brandão (1984, p. 78) “é com uma nova maneira de recriar, combinar e utilizar símbolos e valores de cultura, que o povo reconstrói a sua própria identidade popular, aquilo que entre outros educadores corresponde, de algum modo, à consciência de classe”.

A ampliação de práticas e saberes agroecológicos e sua importante e complexa interação ecológica (ALTIERI, 2012) nos processos de produção influenciaram não somente nos fazeres, mas, igualmente nos saberes, sentidos, significados, valores e relações da comunidade pesquisada.

A agroecologia não é somente uma relação produtiva com a natureza, uma vez que a natureza precisa também satisfazer suas próprias necessidades. Desta forma, algumas preocupações e cuidados são importantes à própria reprodução nesta comunidade tradicional presente no cerrado da baixada cuiabana, como o favorecimento da diversidade vegetal, a utilização de adubação orgânica, a interação de plantas e animais em um mesmo espaço, o manejo

³Para Guhur e Toná (2012, p.57), a agroecologia “constitui, em resumo, um conjunto de conhecimentos sistematizados, baseados em técnicas e saberes tradicionais (dos povos originários e camponeses) 'que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram desecologizadas e desculturalizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura”.

⁴ “[...] a transição agroecológica implica não somente na busca de uma maior racionalização econômica-produtiva, com base nas especificidades biofísicas de cada agroecossistemas - mas também numa mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais” (CAPORAL; COSTABEBER, 2016, p.272).

⁵[...] “soberania alimentar reside no 'poder de decidir': que os agricultores possam decidir o que cultivar, que tenham acesso à terra, à água, às sementes” (ESTEVE, 2017, p.192).



agroecológico, etc. Desta maneira, Altieri (2012, p. 105) afirma que “a agroecologia é o estudo holístico dos ecossistemas, abrangendo todos os elementos ambientais e humanos”.

A diversidade do agrossistema é observada na comunidade tradicional em suas produções de: milho, mamão, jiló, laranja, acerola, banana, abobora, batata, mamão, quiabo, caju, abacate, abacaxi, manga, pequi, limão, goiaba, tamarindo, coco, mandioca, feijão, cana-de-açúcar, diversos legumes e verduras (alface, rúcula, cebolinha, coentro). Na criação de galinha, porco, gado, peixe.

Pode-se concluir que a biodiversidade pertence tanto ao domínio do natural e do cultural, mas é a cultura enquanto conhecimento que permite que as populações tradicionais possam entendê-la, representá-la mentalmente, manuseá-la e, frequentemente, enriquecê-la (DIEGUES; VIANA, 2004, p. 16).

Esta comunidade tradicional possui um repertório de conhecimento sobre o ecossistema que a envolve e possibilita a sua relação com a natureza, tais como: sementes crioulas; plantas medicinais; tipos de solos; clima, pragas naturais; a importância do sol, da chuva e da lua para o cultivo; a propriedade de rochas; mamíferos; peixes; aves; insetos polinizadores como abelha; etc.

Dessa forma, o saber local abrange conhecimentos detalhados de caráter taxonômico sobre constelações, plantas, animais, fungos, rochas, neves, águas, solos, paisagens e vegetações, ou sobre processos geofísicos, biológicos e ecológicos, tais como movimentos da terra, ciclos climáticos ou hidrológicos, ciclos de vida, período de formação, frutificação, germinação, cio ou nidação, e fenômenos de recuperação de ecossistemas (sucessão ecológica) e manejo de paisagens (TOLEDO; BERREIRA-BASSOLS, 2015, p. 97).

Estes saberes tornaram-se costumes na comunidade. A sua socialização, de geração em geração, conservando e modernizando estruturaram-se como uma cultura subversiva, nos dizeres de Thompson (1998, p. 19): “uma cultura tradicional que é, ao mesmo tempo, rebelde”. Desta rebeldia nasce uma experiência de produção da existência que é a Festa de Troca de Sementes Crioulas, organizada por esta comunidade tradicional e pela Comissão Pastoral da Terra, a qual rompe com diversos imperativos do capital.

Em 21 de outubro de 2017, a comunidade tradicional São Manoel do Pari, juntamente com 26 comunidades vizinhas,⁶ organizaram a festa, com o tema: VI Festa da Troca de Sementes

⁶ Comunidades: Aguaçu-Monjolo, Aterrado, Barra do Buriti, Brumado, Buriti do Atalho, Buriti Grande, Cachoeirinha, Campinas, Capão Verde, Cascavel, Céu Azul, Chumbo, Córrego Seco, Cristal, Mato Grosso Velho, Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do 1º Congresso Online Internacional de Sementes Crioulas e Agrobiodiversidade - Dourados, Mato Grosso do Sul- v. 15, nº. 4, 2020.



Crioulas, Árvores Frutíferas e Plantas Medicinais. Estavam presentes nesta Festa 261 pessoas - 138 mulheres, 76 homens e 47 crianças -.

Os alimentos para o café da manhã, lanches, almoço são organizados em cooperação e os produtos doados por todos, utilizando suas próprias produções: banha de porco, carne de porco, torresmo, banana, limão, caju, mandioca, farinha de banana e de mandioca, guaraná ralado, melancia, laranja, cebolinha, temperos artesanais, feijão, pães. O barracão, o banheiro e a cozinha utilizados para a festa, quando não já estão prontos, são construídos em mutirão. A solidariedade está presente em diversos momentos da festa desde a sua preparação até o momento das trocas de sementes, plantas e saberes. A socialização e a cooperação vão além destes momentos, já que, a festa suscita, momentos onde os saberes populares e os conhecimentos científicos dialogam entre si e são socializados através de palestras, depoimentos e a Fila do Povo - espaço de contar as experiências, as resistências, as angústias e as esperanças -. São compartilhados saberes sobre as raízes, as folhas e as cascas que podem ser utilizadas como remédio e como utilizá-las⁷ e sobre a importância da festa para a reprodução de sementes e mudas crioulas.

É o próprio remédio também, caseiro, por causa que, às vezes, a gente tem em casa mas não sabe se ele é bom pra tal coisa, aí vem outra pessoa, principalmente aquelas que trabalha com remédio caseiro, da Pastoral da Saúde né, eles sabem de tanta coisa, e vem de lá e troca aqueles saberes e passa pra gente e a gente aprende. Aí depois a gente vai e passa pra outro também né. E assim vai! Fora as planta né, as planta frutífera, as planta da roça... (Entrevista com dona Iolanda, 08/12/19)

Todo o espaço é perpassado por sentimentos de coletividade, de solidariedade, de aprendizagem, de cooperação, os quais fomentaram o compromisso de plantio e cuidados das plantas crioulas.

Os moradores e moradoras da comunidade se identificam enquanto guardião e guardiãs do cerrado, dos saberes tradicionais e populares, das plantas medicinais, das frutas, das sementes crioulas.

Nós temos que não deixar passar essa semente crioula, sem plantar, pra outro ano para colher. Por causa que a maioria vai pra cidade, bastante jovem tá indo pra cidade e assim, que tá ficando tem que submeter a não deixar perder a semente crioula né (Entrevista com seu Marinho, 08/12/19).

Minhocal, Mutuca, Mutum, Mutum Boa Vista, Quilombo Mata Cavallo, Raizama, Ribeirão das Pedras Acima, União, Serragem, Salto do Céu e Sucuri.

⁷ Eis alguns saberes sobre plantas medicinais socializados na festa: o chá mineiro, erva nativa no cerrado, contribui na prevenção de eclampses e inchaços durante a gravidez; o poejo é um ótimo remédio para quem tem diabetes, é recomendável que tome todos os dias; o carrapatinho do mato serve para ajudar a equilibrar a pressão e anemia; a carqueja é diurético, ajuda no combate ao reumatismo, diabetes, ajuda na cicatrização de feridas, a emagrecer; a jurubeba é bom para o fígado e diabetes; a couve e o inhame previnem furúnculos e espinhas, são depurativos do sangue, o inhame ainda é muito usado no combate a coceiras na pele; o açafraão também contribui com as funções intestinais, e sua folha pode ser usada para curar asma, bronquite e resfriados. Como os camponeses e camponesas da comunidade afirmam: "o cerrado é a nossa farmácia".

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do 1º Congresso Online Internacional de Sementes Crioulas e Agrobiodiversidade - Dourados, Mato Grosso do Sul- v. 15, nº. 4, 2020.



Resgatando as sementes resgata-se os saberes, os costumes, as tradições, a cultura, os sabores vinculados a elas, ou seja, resgatando a história das sementes crioulas resgata-se e conhece-se a própria história. Comportamentos e valores como estes são a resistência de comunidades como a de São Manoel do Pari, os quais são sustentados em práticas produtivas, sociais, políticas agroecológicas. Por isso a importância de se identificarem enquanto guardião.

A solidariedade, a coletividade, a reciprocidade e o cuidado - elementos importantes para a agroecologia - persistem no momento do almoço: compartilhamento dos alimentos, utensílios e força de trabalho para produzir a comida e para servir. Após o almoço a troca de sementes e mudas se efetiva: as pessoas se organizaram em filas; registram por escrito as plantas/mudas e as sementes que pretendem levar consigo e após o cadastro, adentram no espaço onde se concentram as plantas/mudas doadas

E aí uma grande importância, por causa que aí um traz um pouquinho, outro traz um pouquinho e depois troca, tudo sabendo que é uma boa semente, né. Aí depois planta e no outro ano já tem já semente e já leva lá também, né, de novo pra trocar (Entrevista com dona Maria Lina, 08/12/19).

As sementes, mudas e plantas trocadas na festa não possuem os significados mercantil ou lucrativo inerentes à lógica do capital, estes alimentos e plantas trazem outros significados a estas famílias das comunidades tradicionais: são alimentos, remédios, saberes tradicionais, memória viva e representação de mundo. Produzir alimentos é, para a agroecologia, fortalecer o direito à alimentação e com esta alimentação, o direito à saúde. Como afirmou uma camponesa da comunidade: “sabe de onde vem a saúde é dos alimentos que você come, se você está alimento com alimento saudável você está com saúde né” (Roda de conversa com dona Miguelina, 06/09/19). O alimento produzido é a concretização política destas sementes e mudas crioulas. Assim, comer é ter consciência do que se come, assegura-se então, a soberania alimentar de camponeses e camponesas.

A dinamicidade para encontrar formas de superar as limitações, nas unidades familiares ou nas comunidades, não se restringe à cooperação da força de trabalho em mutirões, em trocas de jornadas de trabalhos, em produção associada ou em produções agroecológicas, mas se estende à troca, gratuita, dos produtos de seus trabalhos familiares ou comunitários. Aqui, dinheiro é, novamente, inexistente.

Contudo, a responsabilidade com a semente, com o adubo, com a planta medicinal não se fixa espacial e temporalmente à festa de troca de sementes crioulas, pois todos e todas que levaram sementes e/ou mudas têm a responsabilidade de na próxima festa disponibilizar uma muda e/ou semente anteriormente trocada. Há, com o registro destes produtos, em um Banco de Informações de Sementes, um mapeamento informando a família e a comunidade doadoras, bem como, as que receberam.



O total das mudas e sementes cadastradas na festa foi de 157 sementes crioulas, 96 mudas de árvores frutíferas e medicinais e 17 variedades de ramas de mandioca, trazidas por 85 participantes da Festa.

Pra mim eu acho é uma coisa assim muito boa, boa de verdade. As vezes quando a gente vai na festa de sementes, a gente não tem dinheiro mas a gente tem alguma coisa pra levar. De repente a gente chega lá e leva aquilo dali lá na feira, na troca da semente, aí de repente a gente quer uma coisa que a gente não tem e a outra pessoa que uma coisa que eu levei, aí a gente vai e troca, fica ótimo demais (Entrevista com dona Iolanda, 08/12/19).

Compartilhar estas sementes, mudas e plantas medicinais é compartilhar os saberes, a cultura tradicional, a memória, a cultura de trabalho e a esperança de continuidade desta identidade forjada a partir das sementes.

Considerações finais

As comunidades tradicionais camponesas da baixada cuiabana possuem diversas contradições e limitações. Tornar o espaço de produção da existência em território dotado de sentidos e significados que representem a solidariedade, os interesses, as expectativas e os valores comuns é essencial. Pois, não somente as relações, a natureza, o processo de trabalho, mas o território em que vivem possui significado (PALENZUELA, 2014).

Nesta territorialidade da cultura de trabalho singular, as comunidades tradicionais poderão romper e superar os imperativos destruidores da vida humana e da natureza. Desta forma, um novo processo de produção, distribuição, circulação e consumo poderá se efetivar em bases concretas.

Por este motivo, a produção associada, a produção agroecológica e a cultura do trabalho que valorize a cooperação e a solidariedade são atributos e experiências contra hegemônicas ao capital. Uma experiência entranhada na cultura. Como reconhece Gruppi (1978, p. 73), “a hegemonia, portanto, não é apenas política, mas é também um fato cultural, moral, de concepções de mundo”.

Desta maneira, a troca de sementes crioulas, de mudas frutíferas e de plantas medicinais pode ser compreendida, não somente enquanto alternativa cultural, mas empoderamento político destas comunidades, onde a soberania alimentar entra em pauta.

Assim, soberania alimentar significa que, além de terem acesso aos alimentos, as populações de cada país têm o direito de produzi-los. E é isso que pode garantir a elas a soberania sobre suas existências. O controle da produção dos seus próprios alimentos é fundamental para que as populações tenham garantido o acesso a eles em qualquer época do ano e para que a produção desses alimentos seja adequada ao bioma onde vivem, às suas necessidades nutricionais e aos seus hábitos alimentares. (STEDILE; CARVALHO, 2012, p. 722).



Rompe-se com o domínio das empresas sobre as sementes e sua comercialização; com a sua mercantilização; com a sua industrialização e, assim, com a fome. Esta é a proposta política presente na festa de troca de sementes crioula e no conceito de soberania alimentar.

A luta pelas sementes é a luta para se manter os saberes e sabores que se encontram em perigo pela produção industrializada, pela monocultura e uniformização de sementes -com a sua consequente uniformização da saberes e sabores -. Assim, com as festas de trocas de sementes crioulas nas comunidades tradicionais camponesas, em que pesem as suas limitações e contradições, pode-se vislumbrar uma alternativa à produção da existência capitalista e, por conseguinte, uma nova cultura do trabalho.

Referências

ALTIERI, M. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. SP: Expressão Popular, 2012.

BRANDÃO, C. R. *A educação como cultura*. SP: Editora Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, C. R. *Saber e ensinar*. Campinas: Papyrus, 1984.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. SP: Brasiliense, 2007.

CABRAL, C. Violência no campo e a luta por humanos direitos à vida, à terra e ao trabalho. In: WERNER, I.; SATO, M. (Orgs.). *Relatório Estadual de Direitos Humanos e da Terra - Mato Grosso - Brasil*. Cuiabá: Associação Antônio Vieira, 2015.

CAETANO, E.; NEVES, C. E. P. Entre cheias e vazantes: trabalho, saberes e resistência em comunidades tradicionais da baixada cuiabana. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 23, n. 53/2, p. 595-613, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/index.php/educacaopublica/article/view/1756/1324>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia: conceitos e princípios para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis. In: *Questão agrária, cooperação e agroecologia*. Vol 1. NOVAES, H. et alii (org). SP: Outras Expressões, 2016.

DIEGUES, A. C. *O mito da natureza intocada*. SP: Hucitec, 1996.

DIEGUES, A. C., & VIANA, V. M. *Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica*. SP: Hucitec, 2004.

ESTEVE, E. V. *O negócio da comida: quem controla nossa alimentação?* SP: Expressão Popular, 2017.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do 1º Congresso Online Internacional de Sementes Crioulas e Agrobiodiversidade - Dourados, Mato Grosso do Sul- v. 15, nº. 4, 2020.



GRUPPI, L. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. RJ: Graal, 1978.

GUHUR, D. M.; TONÁ, Nilciney. Agroecologia. In: Caldart, R. et alii. *Dicionário da educação do campo*. SP: Expressão Popular, 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Agropecuário 2017*. Resultados Preliminares. Rio de Janeiro, v. 7, p.1-108, 2017.

MAICÁ, E. D. Sementes. In: Caldart, Roseli et alii. *Dicionário da educação do campo*. SP: Expressão Popular, 2012.

PIGNATI, W. A. et alii. Distribuição espacial do uso de agrotóxicos no Brasil: uma ferramenta para a Vigilância em Saúde. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2017, vol.22, n.10, pp.3281-3293. ISSN 1678-4561. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232017021003281&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 05 ago. 2019.

PALENZUELA, P. *Las culturas del trabajo: una aproximación antropológica*. *Sociología del trabajo*, 24, 3-28, 1995.

PALENZUELA, P. *Culturas del trabajo e identidad local: pescadores y mineros en Quebec*. *Sociología del Trabajo*, 81, p.68-89, 2014.

STEDILE, J. P., & CARVALHO, H. M. Soberania alimentar. In: Caldart, R., Pereira, I., Alentejano, P., & Frigotto, G. (Orgs.). *Dicionário da educação do campo*. SP: Expressão Popular, 2012.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, V., M., & BARRERA-BASSOLS, N. *A memória biocultural. A importância ecológica das sabedorias tradicionais*. SP: Expressão Popular, 2015.

ZIEGLER, J. *Destruição em massa*. Geopolítica da fome. SP: Cortez, 2013.